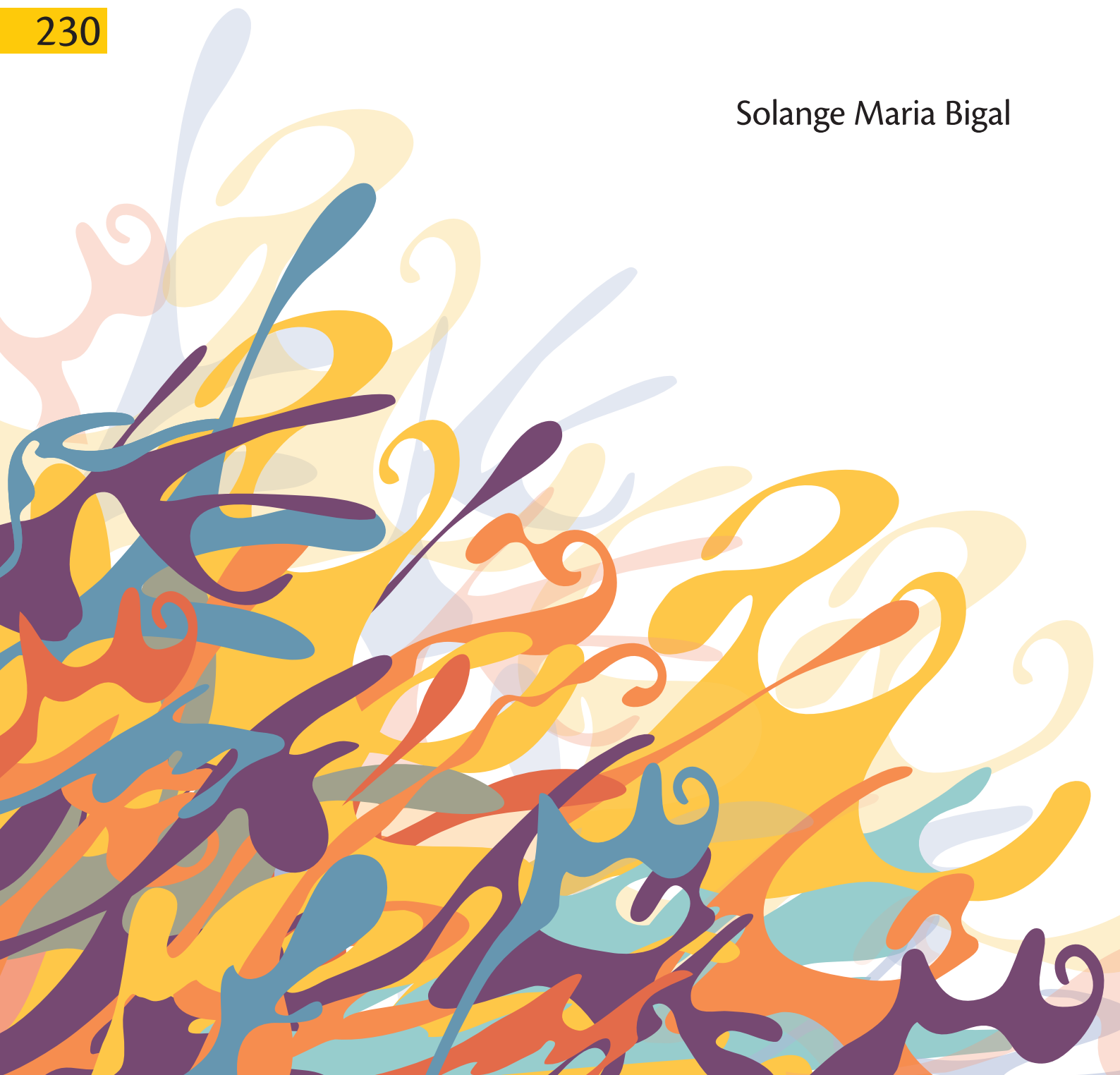


Solange Maria Bigal



DESIGN & DESEJO

Como quem quer desvelar paisagens inesperadas nas sínteses conjuntiva e disjuntiva do pensamento, neste ensaio pretende-se ativar uma relação inerente aos dois princípios: design e desejo. O design é em verdade a própria manifestação da existência objetiva do desejo. Ele o segue, o obedece, o apóia, não sobreviveria sem ele. A rigor, o mesmo processo de funcionamento: substancialmente produtivo, substancialmente produtivo e desejante.

(...)

O ESTADO DA ARTE

Seja qual for a concepção de design adotada pelos diversos segmentos sociais, ela é certamente marcada pelo desejo. E o desejo não é apenas uma modalidade do design, é a sua condição primeira. Sob sua aparente uniformidade há essa realidade inquieta, que se efetiva nas imagens visuais e acústicas com as quais o design nos alimenta. Estas imagens conspiram no nosso imaginário como uma forma particular de conhecimento - mais dinâmico, mais plástico, mais imaginativo.

O desejo, essa complexa constelação que pulsa em estado de permanente disponibilidade, parece constituir com o design, sob todas as suas formas projetuais, determinados tipos de produções diferenciais: 1. de um lado, uma organização prévia, que distribui o desejo como falta na produção social; 2. de outro, uma produção real, que supera na própria sociedade qualquer idéia de desejo como falta ou necessidade.

Dois dos estudos mais fecundos sobre isso estão em Lacan, Deleuze e Guattari: o primeiro por causa da aliança entre o desejo e falta, os outros dois, pelo ultrapassamento do dado.

UMA ORGANIZAÇÃO PRÉVIA, QUE DISTRIBUI O DESEJO COMO FALTA NA PRODUÇÃO SOCIAL

Podemos entender assim a definição que Freud dá na Interpretação dos Sonhos: “desejo é o impulso de recuperar a perda da primeira experiência de satisfação”. Esta primeira experiência de satisfação é de ordem mítica, indicando esse lugar de perda como fundamento, ou como causa, da fala no homem, marcando assim a relação deste ser vivo homem com a estrutura da linguagem. O desejo comporta um lugar de perda que determina um campo de tensão. Nesse sentido não é adaptativo, não é simplesmente homeostático e por isso não corresponde só ao princípio do prazer. Seu correlato é uma ruptura desse princípio que se chama na psicanálise, pulsão. Freud a nomeia pulsão de morte, como além do princípio do prazer. Isto é diferente da morte biológica. Desejo e pulsão são as duas vertentes do sujeito que determinam a sua realidade psíquica como diferente da homeostase orgânica. Produz-se uma fragmentação que, paradoxalmente, sustenta a função da vida. “A vida é o conjunto de forças onde se significa a morte, que será, para a vida, o seu carril” (Sigmund Freud).¹

1 Esta explanação a cerca do que Freud define como desejo acontece enquanto Jorge Mario Jáuregui procura construir relações bastante significativas entre psicanálise e arquitetura em um texto, intitulado: Luz e Metáfora: Um Olhar Sobre o Espaço e Significados, de 2002. Conf.: <http://www.jauregui.arq.br/psicanalise.html>

O desejo é assim como um impulso regressivo insustentável. Todo desejo é um desejo de preencher, substituir, falsificar, reclamar, fetichizar. Para Lacan, tudo começa com as Etapas do Espelho, nas quais se dará o processo de constituição do sujeito. E então, o fato consumado: a constituição do sujeito como um sujeito-desejante.

Considere-se que a história primitiva de qualquer criança não registra a experiência de seu corpo unificado e totalizado, ao contrário, o registro é de um corpo desmembrado. Daí a fantasia, o pânico, o êxtase do corpo dividido. É na relação da criança com o espelho – que se processa em três etapas – que se põe fim a essa aventura do corpo dividido, constituindo a criança como sujeito. Esse fenômeno ocorre, comumente, a partir dos primeiros seis meses de vida da criança e mantém suas características até os seus primeiros dezoito meses:

Num primeiro momento a criança percebe o reflexo do espelho como sendo um ser real do qual ela procura apoderar-se ou aproximar-se. Nesta fase ela não sabe que aquilo é uma imagem nem muito menos que aquela imagem é a dela; 2. A criança compreenderá, num segundo momento, que o Outro do espelho é apenas uma imagem e não um ser real e que definitivamente não há nada ali. Nesta fase ela já sabe que aquilo é uma imagem, mas não compreende que aquela imagem é a dela; 3. A terceira etapa será marcada pelo reconhecimento do Outro, não somente como imagem, mas também como sendo a sua própria imagem. Nesta fase ela compreende finalmente que aquilo é uma imagem e que essa imagem é a sua.²

A criança pode compreender que a imagem no espelho é legitimamente sua, mesmo apesar de nunca ter-se visto a si mesma, por causa de duas verdades elementares: 1. ainda no ventre ela já é capaz de recolher e abrigar milhares de informações do pai e da mãe - essas informações são as intensidades e as intensidades são os afetos³; 2. o DNA mesmo da criança, hoje sabemos, é uma fonte especialmente farta de elementos visuais e sonoros, inclusive, da imago materna e paterna.

Até a terceira etapa do espelho a criança já tem dados suficientes para criar, para compor e desenhar uma imagem. Então ela olha finalmente para aquela superfície encantada e desenha nela a imagem criada. O Outro acontece assim, a criança não se reconhece exatamente numa imagem projetada no espelho. Através do imaginário, ela infere uma imagem e a toma como sua.

Lacan propõe ainda que a falta seja o isolamento do objeto de satisfação do desejo. E sua gênese data dos primeiros dias de vida de um bebê: ao choro da criança, a mãe

2 PALMIER, Jean Michell. Lacan. São Paulo: Melhoramentos, 1977, ps.25-26.

3 As afecções são do corpo, os afetos da alma. As afecções do corpo determinam a sua fisicalidade, os afetos da alma, os seus estados de espírito. A variação correlativa dos corpos afetantes remete à transição de um estado de espírito a outro, de modo que o espírito afirme uma força de existir de seu corpo maior ou menor do que antes, isto é, envolvendo maior ou menor realidade do que antes. Esse tema é particularmente demonstrado em Gilles Deleuze, Espinosa. Filosofia Prática, cap. IV.

4 A Felicidade existe? – Freud, a psicanálise e a felicidade, por Raymundo de Lima e Marta Dalla Torre Fregonezzi. Conf.: http://www.espacoacademico.com.br/059/59esp_limafregonezzi.htm.

5 Um dos momentos em que Orlandi inspira Regina Néri, no texto: Anti-Édipo / psicanálise: um debate atual http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982003000100002&script=sci_arttext

6 Após uma delicada exposição das três características especiais da intensidade, Sandro Kobol Fornazari conclui: Enfim, as intensidades são a ligação entre a realidade virtual ou transcendental e a realidade atual ou empírica. Com isso, compreende-se como o indivíduo que somos se reporta a essa profundidade intensiva, diferencial e individuante tanto quanto às diferenças individuais que elas expressam, para tão logo se deixarem reabsorver, incessantemente penetrando umas nas outras, encontrando-se para em seguida se perderem de novo e de novo nas distâncias e profundidades do eu dissolvido. Conf.: http://sandrokobol.blogspot.com/2009/08/o-eterno-retorno-da-diferenca-o-duplo_18.html Em Deleuze apud O Vocabulário de Deleuze, de François Zourabichvili: A multiplicidade não deve designar uma combinação de múltiplo e de um, mas, ao contrário, uma organização própria do múltiplo enquanto tal, que não tem necessidade alguma da unidade para formar um sistema. Conf.: <http://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/voca.prn.pdf>. Em Duns Scot, hecceidade (haecceitas) é uma teoria segundo a qual a filosofia pode e deve aproximar-se da experiência, em detrimento das

responde com o mamilo. A criança então percebe que o choro é um dispositivo que quando acionado providencia a presença da mãe. Assim ela vai se descobrindo e se realizando como um ser para a linguagem. Mas quando a mãe um dia isolar a causa dessa satisfação, ela dará lugar à falta. Desejo é essa privação.

Mas desejo e necessidade não se confundem. A necessidade é exclusivamente biológica e isso implica uma autoconservação orgânica. Já o desejo é exclusivamente psíquico e isso implica uma imaginação mítica. Conceito-chave da psicanálise freudiana, é o que põe em movimento todo o aparelho psíquico orientando-o sob o que seja agradável ou desagradável à percepção. Nasce da zona erógena do corpo.

O desejo (D.: Wunsch), tal como é entendido pela psicanálise, não é a mesma coisa que a necessidade. Enquanto a necessidade é um conceito biológico, natural, implica uma tensão interna que impele o organismo numa determinada direção no sentido de busca de redução dessa tensão ou satisfação, logo, a autoconservação (ex.; necessidade de fome, então buscamos comida), o desejo, sendo de ordem puramente psíquica, é desnaturado e como tal pertence à ordem simbólica. Enquanto a necessidade é biológica, instintiva e busca objetos específicos (comida, água, etc) para reduzir a tensão interna do organismo, o desejo não implica uma relação com esses objetos concretos, mas sim, com o fantasma ou fantasia. Ou seja, “o fantasma é, ao mesmo tempo, efeito do desejo arcaico inconsciente e matriz dos desejos atuais, conscientes e inconscientes”⁴

UMA PRODUÇÃO REAL, QUE SUPERA NA PRÓPRIA SOCIEDADE QUALQUER IDÉIA DE DESEJO COMO FALTA OU NECESSIDADE

Deleuze e Guattari refutam, de forma contundente, essa concepção psicanalítica do desejo atrelada à falta e à castração.

...eles estariam realizando uma defesa ética e estética do inconsciente como um espaço social e político a ser conquistado, no sentido de sua expansão, como um lugar movente cuja maleabilidade é a dos limiares e fluxos que constituem a objetividade do próprio desejo enquanto um sistema aberto que quer sempre mais conexões e a partir do qual produzem-se fluxos de inconsciente num campo social e histórico...⁵

Em sua natureza produtiva, o desejo é máquina. O objeto do desejo é ainda máquina. O conceito de máquina tem origem em dois movimentos dos séculos XVII e XVIII, respectivamente: Mecanicismo e Vitalismo. Deleuze e Guattari reúnem, transformam e atualizam as duas posições em algo como que um micro funcionalismo molecular.

Em síntese, o Modelo da Realidade é constituído por minúsculas máquinas auto-produtoras ou desejantes, que compõem a realidade pluripotencial. Elas se mantêm absolutamente dispersas enquanto ainda não estão caracterizadas como as especificidades que formarão no nível macro e por isso só são perceptíveis como conceitos. Intensidades, multiplicidades, hecceidades, devires, lhe são bastante peculiares.⁶

Na realidade objetiva só há máquinas. Em toda a parte máquinas, máquinas produtoras de máquinas. O processo está em que a produção é sempre consumo e registro, registro e consumo, corte e fluxo. Uma máquina produz leite, outra o devora. Uma pausa no processo de produção é anti-produção, mas ainda produção, porque conectiva da maquinaria.

Uma máquina desejante define-se, em primeiro lugar, por um acoplamento ou um sistema "corte-fluxo"... Em segundo lugar, os cortes de fluxo se inscrevem, se registram ou se distribuem segundo a lei da síntese disjuntiva sobre um corpo pleno sem órgãos⁷

Entre as máquinas desejantes e o processo de produção há o "corpo sem órgãos". É um corpo um pouco antes de ser incorporado da realidade objetiva. Antonin Artaud o descobriu: nem forma nem função, matéria anônima, memória inorganizada cercada de works-machines.

Nem boca, nem língua, nem dentes, nem laringe, nem esôfago, nem ventre, nem ânus, nem totalidade traída, nem realidade perdida, nem testemunha de absolutamente nada original, o corpo sem órgãos é para os hindus, um corpo tântrico, para a mitologia indígena dos Dógons, um ovo cósmico.⁸ É um avatar das máquinas desejantes. Durante todo o ritual de incorporação cada movimento das máquinas, cada ruído de máquina, apavora.

As máquinas desejantes fazem-nos organismos; mas dentro desta produção, na sua própria produção, o corpo sofre por estar organizado assim, por não ter outra organização, ou organização alguma.⁹

teorias da essência, da universalidade e da transcendência Deleuze e Guattari acrescentam a isso a teoria da individuação, que antes de se deter na matéria e na forma, pensa a hecceidade como um amplexo maquinico de ritmos heterogêneos. Conf.: <http://previstaseletronicas.pucrs.brojsindex.vistafamecosarticleviewFile34602722> Finalmente, sobre a sabedoria do devir, ela apareceu primeiro em Heráclito, que o qualifica como uma mudança constante e perene de algo ou alguém. Ainda em O Vocabulário de Deleuze, de François Zourabichvili: Devir é nunca imitar, nem fazer como, nem se conformar a um modelo, seja de justiça ou de verdade. Não há um termo do qual se parta, nem um ao qual se chegue ou ao qual se deva chegar. Tampouco dois termos intercambiáveis. A pergunta 'o que você devém?' é particularmente estúpida. Pois à medida que alguém se transforma, aquilo em que ele se transforma muda tanto quanto ele próprio. Os devires não são fenômenos de imitação, nem de assimilação, mas de dupla captura, de evolução não paralela, de núpcias entre dois reinos. Conf.: <http://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/voca.prn.pdf>

7 O Vocabulário de Deleuze, idem, p.35

8 sobre o corpo tântrico, do hindus: <http://www.misteriosantigos.com/artigos/modules/soapbox/article.php?articleID=83> Sobre a mitologia indígena dos Dógons: <http://arqueoastronomy.blogspot.com/2007/10/srius-e-seus-enigmas-na-antiguidade.html>

9 O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia 1, idem, p.20

10 A esquizoanálise: um olhar oblíquo sobre corpos, gêneros e sexualidades, de Nilson Fernandes Dinis, em *Sociedade e Cultura*, v.11, n.2, jul/dez. 2008. P. 356. Também disponível em: HYPERLINK "<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/703/70311249023.pdf>"<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/703/70311249023.pdf>

11 Um pouco do que já dissertei sobre isso: O Design Utilitário define o Design Industrial como o maior evento projetual da utopia iluminista. Toda a sua força produtiva vem das doutrinas utilitaristas. Isso determina uma produção social frequentemente falível, porque avessa ao caos, ao acaso e a causalidade. Cf. Solange Bigal, *O Design e o Desenho Industrial*, caps. I e III. O Design Icônico Utilitário é o filho bizarro das vanguardas modernistas: ora mercadoria, ora arte, ora signo de uma estética de pragmática utilitária. Necessariamente ambíguo, tem um "quê" de misto, mestiço, misturado. É pertença do Novo Mundo, o mundo das contigüidades, das similaridades e das projeções dessas naquelas. Idem. cap. IV, p.65 a 75. O Design Inutilitário Remático ignora completamente tudo o que seja finalidade, é uma quimera da ação, um tabuleiro no jogo das ações e reações. Idem. p.p.75 a 79.

As máquinas desejanter não são metáforas, é o que corta e é cortado segundo três modos:

1°. Remete à síntese conectiva (ou de acoplamento, que revela a natureza produtiva dos cortes) e mobiliza a libido como energia de extração (extrair) – máquina paranóica;

2°. Remete à síntese disjuntiva (que, enquanto disjunções, são inclusivas) e mobiliza o Numen como energia de separação (separar) – máquina miraculante;

3°. Remete à síntese conjuntiva (que, enquanto consumo, são passagens, devires e retornos) e a Voluptas como energia residual (restar) – máquina celibatária.

São estes determinados tipos de corte/fluxo - extrair, separar, restar - que efetuam as operações reais do desejo.

O inconsciente não é mais o teatro de Édipo, é usina, máquina de produção. O inconsciente é maquinico, não porque tenha a ver com máquinas, mas porque é produzido com base em componentes mais heterogêneos. Ele é algo produzido no real-social e atravessa os indivíduos, suas relações e seus territórios. Não é um inconsciente voltado para o passado, mas essencialmente ligado às composições atuais. O inconsciente é o campo de imersão do Desejo no campo social, é algo a ser constantemente produzido.¹⁰

SÍNTESE

Porque o design importa naturalmente as definições e redefinições críticas do desejo, em sua natureza produtiva encontramos os mesmos dispositivos, as mesmas ações concretas de incremento do desejo como produção, como produção de produções, como produção de turbulências inventivas, como produção de paixões.

Em atividades estritamente econômicas e de capital, o desejo entendido como falta é o que melhor explica o seu movimento e o seu modo de conservação, pois os seus diferentes componentes encontram-se em geral sucessivamente dispostos e regulados pelo desejo sustentando-se ambos mutuamente. Diferentes materiais e procedimentos culminam num mesmo uso, definindo um design de caráter estritamente utilitário.

Isso não exclui, entretanto, alguma possibilidade estética, implica antes uma estética propriamente utilitária, que se apresenta como força de atração de consumo.¹¹ E

o desejo assim, dizíamos há pouco, é como um impulso regressivo insustentável. É desejo de preencher, substituir, falsificar, reclamar, fetichizar um objeto perdido então supostamente encontrado no meio do styling e da exacerbação de bens e produtos.

Com efeito, o que caracteriza o conceito de design é sua polifonicidade, sua possibilidade de ser interpretado com ajuste de concepções doutrinárias contrapostas... De uma forma concreta, o design não só compreende a composição de determinados bens de uso ou de série de produtos no âmbito do consumo e dos bens de investimentos, ademais a planificação e disposição de sistemas mais amplos, das instalações e os espaços de meio material; inclusive pode ultrapassar os limites nunca estritos da arquitetura, sendo a composição do produto, no sentido específico da palavra, a tarefa própria do designer. Inclusive a moda e a publicidade utilizam hoje em dia a denominação de design.¹²

Já em águas mais profundas, o design não se apóia necessariamente no caráter utilitário dessas excitações. É apenas uma máquina de amortecimento, regeneração e cura. Encaixa-se perfeitamente no paradigma de movimentos mais radicais - a exemplo do Pop Design e do Anti-Design - que contaminaram principalmente a Itália, a Alemanha, a Inglaterra e os Estados Unidos dos anos 60. Provém exatamente destas novas inferências, a rigor mais plásticas, mais telúricas, mais verdejantes. O desejo, agora, é uma identidade produto-produzir um objeto mais orgânico, indiferenciado:

... mesa desumanizada, que não tinha naturalidade, que não era burguesa, nem rústica, nem do campo, nem de cozinha, nem de trabalho. Que não servia para nada, que se defendia, recusava-se ao serviço e à comunicação. Nela, alguma coisa de aterrador, de petrificado. Poderia fazer com que se pensasse num motor parado.¹³

Design então é uma espécie de vontade de criação, de abundância de fluxos, de devires ancorados na mais pura positividade. Nada tem a ver com a falta, pelo contrário, é um convite ao excesso. Também nos lembra o olhar da criança, olhar que vê o mundo com uma mistura de estupefação, admiração, estranhamento e curiosidade insaciável, dissolvendo a ordem estabelecida do convencional e do habitual mediante o espaço lúdico da reinvenção.¹⁴

12 Selle, apud Solange Bigal em *O design e o desenho industrial*, idem, p.27

13 *O Anti-Édipo*, idem, p.21.

14 *A esquizoanálise: um olhar oblíquo sobre corpos, gêneros e sexualidades*, idem, p.356

DESTAQUES BIBLIOGRÁFICOS

- ARTAUD, Antonin. *História Viva de Artaud-Momo*. Lisboa/Portugal: Hiena, 1995.
- BAREMBLITT, Gregório. *Introdução à Esquizeanálise*. Belo Horizonte/MG: Biblioteca do Instituto Félix Guattari, 1998.
- BIGAL, Solange. *O Design e o Desenho Industrial*. São Paulo: Anna Blume, 2001.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: 34, 2004.
- _____. *Crítica e Clínica*. São Paulo: 34, 1997.
- _____. *Espinosa – Filosofia Prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- _____. e GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- LAPLANCHE e PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- NOVAES, Adalberto (org.). *O Desejo*. São Paulo: Schawarcz, 1995.
- PALMIER, Jean Michel. *Lacan*. São Paulo: Melhoramentos, 1977.

SITES

- <http://www.jauregui.arq.br/psicanalise.html>
- http://www.espacoacademico.com.br/059/59esp_limafregonezzi.htm
- http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-14982003000100002&script=sci_arttext
- http://sandrokobol.blogspot.com/2009/08/o-eterno-retorno-da-diferenca-o-duplo_18.html
- <http://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/voca.prn.pdf>
- <http://previstaseletronicas.pucrs.br/previstafamecos/articleviewFile34602722>
- <http://www.ufrgs.br/corpoarteclinica/obra/voca.prn.pdf>
- <http://www.misteriosantigos.com/artigos/modules/soapbox/article.php?articleID=83>
- <http://arqueoastronomy.blogspot.com/2007/10/srius-e-seus-enigmas-na-antiguidade.html>
- <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/703/70311249023.pdf>



SOLANGE MARIA BIGAL

Minha formação intelectual compreende dois níveis: do graduação ao mestrado fiz comunicação social; do doutorado em diante, design. Ambas as áreas do conhecimento, no entanto, sempre significaram para mim um “socius em estado mutante e um meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado”. Acredito num mercado ético, estético e de sorte com alguma nobreza, sobretudo do ponto de vista do pensamento complexo, com destaque para Espinosa, Deleuze e Guattari. Esta é a minha postura como professora-doutora do Curso de Design, na Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC), da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP Campus Bauru SP), onde leciono as disciplinas Imagens Animadas e Marketing, ambas com o apoio da filosofia contemporânea, principalmente, quando ela se refere ao processo criador.